



X Encontro da Internacional dos Fóruns
VI Encontro internacional da Escola
de Psicanálise dos Fóruns de Campo Lacaniano [IF-EPTCL]

BARCELONA 13/16 setembro 2018

PRÉ-TEXTO 2

TRAUMA: ACONTECIMENTO E ADVENTO DO REAL

Sandra Leticia Berta

Maio 2017

A partir do momento em que decidimos trabalhar o tema do advento do real para o próximo Encontro Internacional, tenho-me questionado sobre as incidências clínicas dessa expressão. Por ter pesquisado durante alguns anos a respeito do trauma, imediatamente, se me impôs a pergunta: se considero o fator tíquico do trauma, há alguma diferença entre o acontecimento traumático e o advento do real? Apresento-lhes minhas considerações.

Na história da psicanálise, o acontecimento traumático deu lugar não só à descoberta do inconsciente, mas também à diferenciação entre o acontecimento traumático e a estrutura do trauma, a ser entendida como furo (*trou*) e cuja escrita é $S(A)$, assim como propusera Lacan ao final do seu ensino. A passagem do acontecimento traumático ao *troumatismo* orienta a direção da cura em cada análise. A elaboração de um saber sobre o instante tíquico faz do trauma índice de um real indecível.

Nessa direção que vai do trauma ao *troumatismo*, diferenciamos algumas versões da temporalidade: a do *a posteriori* (*nachträglich*), a do ato que privilegia o corte topológico e a do tempo do enodamento borromeano. Todas elas contam com a temporalidade lógica proposta por Lacan: instante de ver, tempo de compreender e momento de concluir.

Dizer “o advento do trauma” no lugar de “acontecimento traumático” pode servir para destacar o instante traumático e diferenciá-lo de sua elaboração. Parece-me uma nuance à qual me referirei mais adiante. Em nossa comunidade, temos falado do evento de gozo do significante 1 ($S1$), da passagem da *tyquê* como acontecimento de gozo e dos uns da repetição. Nesse sentido, acontecimento e evento são sinônimos, como podemos ver no dicionário. Porém, o advento acentua aquilo que arriba, e não só os traços do acontecimento.

Além disso, se nos referimos ao “advento”, temos que diferenciar duas acepções no ensino de Lacan: advento do sujeito e advento do real. Não são as únicas, mas são as mais relevantes.

A noção “advento do sujeito” tem origem nas elaborações sobre o simbólico e foi formalizada pelas operações de causação do sujeito: alienação e separação¹.

Lembro brevemente que na alienação, com seu *vel* da disjunção exclusiva, o sujeito escolhe a petrificação ou o sentido. Na anterioridade lógica da causação do sujeito, a segunda operação refere-se à separação cujo efeito é o objeto *a*², entrando o sujeito na metonímia da cadeia significante (S1-S2).

É válido acrescentar que, posteriormente, o *vel* da disjunção exclusiva servirá para assinalar a divisão do sujeito e do gozo. Aqui, o que se acentua é o significante gozado, a substância gozante que é o que, finalmente, advém do real se consideramos o S1.

De fato, podemos ler, nas operações de causação do sujeito e também na escrita do nó borromeano, a contingência do advento do real por um significante S1.

O advento do real como irrupção de S1 está presente na referência ao sujeito e às elaborações do *parlêtre*. Ambos partilham a mesma lógica. No que se refere à temporalidade, parece-me que a causação do sujeito acentua o *a posteriori* traumático, aludindo a um real que resta como limite êxtimo. Quanto ao nó, com sua cardinalidade, o advento do trauma é enodado. O 1 do traumático é 3: real, simbólico e imaginário. O “advento do real”, aqui, pode convir ao trauma borromeano indicando que o trauma advém enodado.

No período de 1974 e 1975, podemos encontrar uma diferenciação entre o advento do real e o acontecimento do dizer, que exige a temporalidade do nó. No Seminário 21, *Le non- dupes errent*, Lacan inclui o acontecimento do dizer como escrita do nó, diferenciando o acontecimento simbólico, o real e o imaginário³. Uma passagem chamou minha atenção: “O acontecimento, ele, o acontecimento não se produz senão na ordem do simbólico. Não há acontecimento senão do dizer”⁴. É preciso tempo para escrever o nó do dizer, nó do *parlêtre*, que se faz ao trauma borromeano.

Avancemos sobre a expressão “advento do real” em *A Terceira*⁵. Nessa conferência, contemporânea ao Seminário 21, Lacan diz que o analista depende do advento do real, como o destacou Colette Soler em seu livro *Les Avènements du réel de l*

¹ Lacan, Jacques (1964). *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

² Lacan, Jacques *O Seminário A lógica do fantasma*. 16 de novembro de 1966.

³ Lacan, Jacques. *O Seminário, livro 21: Les non-dupes errent*. 18 de dezembro de 1973.

⁴ Lacan, Jacques. *O Seminário, livro 21: Les non-dupes errent*. 15 de janeiro de 1974. “l'événement lui, l'événement ne se produit que dans l'ordre du Symbolique » (Publicado em Staferla)

⁵ Lacan, Jacques. *La tercera*. 1ro. Noviembre de 1974. Publicada em *Intervenciones y textos* 2. Buenos Aires: Manantial, 1993, pp. 73-113.

*'angoise au symptôme*⁶ e também no primeiro pré-texto do Encontro de Barcelona, que ocorrerá em 2018. Depois dessa afirmação, Lacan se refere à interpretação como equívoco e à *lalíngua*, que se sedimenta como detritos do inconsciente, de uma experiência que deixa como saldo um saber. A interpretação trabalha com *lalíngua*, o que não impede que o inconsciente seja estruturado como uma linguagem. Isso significa que a interpretação opera com os Uns de gozo para que o parlêtre se faça ao borromeano.

Se o trauma é advento enodado de S1, irrupção do real, essa é a prova clínica de que o trauma é enodamento de um real. Embora para o trauma *advento* e *acontecimento* sejam sinônimos, podemos encontrar um matiz. Acentuar o advento do real do significante traumático não é sem consequências porque converte o *a posteriori* em ato e em tempo lógico enodado. Além disso, as considerações sobre a *moterialité* próprias ao nó borromeano incidem sobre o sentido *nachträglich*. Na clínica, é preciso forçar (*forcing*⁷ matemático) a palavra em sua *moterialité* para *ler no que se ouve* e produzir uma escrita. Portanto, buscar o sentido de um acontecimento não é o mesmo que apontar o sentido-gozado de um saber. Isso não significa prescindir do fantasma - porque a clínica seria impraticável -, e sim estar à disposição “disso que faz função de real no saber”⁸. Esses ditos do acontecimento traumático aludem ao acontecimento de um dizer e evocam o real enodado que ex-siste ao sentido (*ausentido*).

Finalmente, o advento do real do trauma nos convoca a pensar a clínica borromeana, considerando o inconsciente real e o furo no saber. Mais uma vez, falar do trauma em psicanálise é falar da psicanálise. Não por acaso a pergunta de Freud sobre o trauma deu lugar à descoberta do inconsciente.

São Paulo, 26 de Maio de 2017.

⁶ Soler, Colette. *Avènements du réel, de l'angoise au symptôme*. Cours 2015-2016. Paris: Éditions du Champ lacanien. Collection Études, Octobre 2016, p. 170.

⁷ Lacan, Jacques (1976-1977). *El Seminario L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. 19 de abril de 1977.

⁸ Soler, Colette. *Lacan, l'inconscient réinventé*. Paris : Presses Universitaires de France, 2009, p 19.